

PRODUÇÃO EM REDE DE MATERIAIS DIDÁTICOS ONLINE PARA FORMAÇÃO DE JOVENS MONITORES DO PROGRAMA TELECENTROS.BR¹

Leonardo Zenha Cordeiro²; Luciana Zenha³

Grupo 3.4. Aprendizagem na educação a distância: Desafios, estratégias e dificuldades

RESUMO:

O artigo propõe uma descrição da produção de materiais para a formação de jovens do Programa Telecentros.br utilizando, dentre alguns ambientes, o Moodle como mediação. As redes sociais também foram um elemento fundamental para o desenvolvimento do material digital do curso de formação para os monitores dos Telecentros. Busca-se saber como os jovens estão ressignificando a formação em seu cotidiano e principalmente em contextos da sua vida e rotina comunitária. A utilização de redes sociais online como elementos de integração dos atores da rede de formação e como reverberação da lógica das trocas dos objetos de aprendizagem desenvolvidos. No artigo é realizada uma apresentação do contexto do Programa Telecentros.br e a produção de conteúdo compartilhado a partir do mapeamento e identificação dos jovens monitores – os alunos da EAD. O histórico do Telecentros e a concepção de polos distribuídos de maneira regional proporcionou uma atualização constante e o contexto para a produção de material digital online.

Palavras-chave: materiais interativos, formação de jovens e mobilização em rede.

ABSTRACT:

PRODUCTION IN EDUCATIONAL MATERIALS NETWORK ONLINE FORMATION TO OF YOUNG PEOPLE THE PROGRAM MONITORS TELECENTROS.BR

The article proposes an analysis of the production of materials for the youth training Telecentros.br Program. We seek to find out how young people are giving new meaning to their daily training, mainly in the contexts of their community life and routine. A presentation of the context of the Telecentros.br Program and the production of shared content from the mapping and identification of young tutors - distance education students. A possibility of identifying the social networks which they go to, whether they are online or offline and appropriations made by young people with a focus on social mobilization. The historic Telecentres and design centers distributed in a way provided a regional context for constant updating and production of digital material online.

Keywords: interactive for distance education, youth training and networked digital mobilization.

¹ Agência de Financiamento: FAPEMIG e Telecentros.br Polo Sudeste

² Ativador de redes e mídias do Programa Telecentros.br Polo Sudeste e doutorando da UERJ;
leozenha@gmail.com

³ Coordenadora Pedagógica do Programa Telecentros.br Polo Sudeste, professora da UEMG e doutoranda da UFMG; luciana.zenha@gmail.com

1. Introdução – espaço Telecentros

O artigo tem como contexto as políticas e ações envolvendo a inclusão social através da inclusão digital no território brasileiro. Tem como foco o programa Telecentros.Br que foi instituído pelo decreto nº 6.991, de 27 de outubro de 2009 tendo como eixo central o apoio à Inclusão Digital nas comunidades através da manutenção, implementação e ações nos telecentros em todo território brasileiro.

A implementação de telecentros no Brasil data do final da década de noventa, de forma localizada, e em alguns estados. Entre estas experiências podem ser citadas os telecentros das cidades de São Paulo (Sampa.org), a experiência de Belo Horizonte (Prodabel), e em Porto Alegre no Rio Grande do Sul (Movimento Software livre Sul)⁴.

Todos estes movimentos estão relacionados a iniciativas que tem como base reivindicações para uma cultura de inclusão digital baseado em linhas gerais a contestações que perpassavam questões de acesso a informática e a internet, compartilhamento de informações, software livre e participação da sociedade civil na pauta das políticas de inclusão ao mundo virtual e usos das tecnologias. Os espaços criados e as formas como foram sendo construídas estas políticas podem ser diferenciados, e podem ser tipificados (quadro 1) em:

Quadro 1. Espaço Telecentro.

Unidades de inclusão digital diferenciados	bibliotecas informatizadas, sala de aula informatizadas, laboratórios de informática, quiosques e telecentros
Opções tecnológicas diversas	sistemas operacionais livres ou proprietários, hardware inovadores ou tradicionais, aplicativos copyright ou copyleft voltados ou não para soluções reais das comunidades
Atividades disponíveis	uso livre ou limitado, cursos presenciais ou/e a distância, atividades comunitárias em rede ou não
Monitoria das Unidades	com ou sem monitores, com ou sem controle da comunidade através de conselhos gestores,etc.
Sustentabilidade	recursos públicos, públicos/privados, cobrança dos usuários, ou contribuições

⁴ Experiências e relatos de Silveira,S.A. e Cassino,J.Software Livre e Inclusão Digital.São Paulo:Conrad.Editora Brasil, 2003.

	coletivas,etc
Autonomia e participação	comunidades com poder de decisão, consultiva, fiscalizadora, poder orçamentária, poder de planejamento entre outras

Em se tratando do Programa Telecentros.BR duas definições estão presentes. Segundo decreto do Governo federal. Os telecentros são entendidos como:

Espaços públicos com acesso as tecnologias da informação e comunicação com computadores conectados a internet, disponíveis para múltiplos usos incluindo navegação livre, cursos e outras atividades de promoção do desenvolvimento local em suas diversas dimensões. (art.2º decreto nº 6.991, de 27 de outubro de 2009).

A segunda é que todos os telecentros do programa Telecentros.BR tem um monitor com idade entre 16 e 24 anos que trabalha recebendo uma bolsa no valor de 440 reais, ou dois monitores cada um com a bolsa no valor de 220 reais. Neste sentido, o trabalho dos jovens monitores neste contexto traz varias indagações para o processo de trabalho no contexto dos telecentros. As outras ações que são estabelecidas neste locais podem desencadear várias possibilidades de participação da comunidade no espaço estabelecido.

Neste momento o que diferencia as implementações de ações desta natureza é a perspectiva por parte do governo federal de unificar as ações de Inclusão digital. Entre estas ações estão a criação da Secretaria Nacional de Inclusão Digital dentro do Ministério das Comunicações⁵ organizada em um departamento de Infra-Estrutura para inclusão Digital e outra de articulação e **Formação**. Esta Secretaria tem como objetivo coordenar todas as ações de Inclusão Digital do governo Federal.

No âmbito da formação foi implementada no programa Telecentros.Br a Rede Nacional de Formação para Inclusão Digital. Foram definidos as seguintes diretrizes:

- Construir uma agenda integrada de formação para inclusão digital em nível nacional, otimizando esforços e recursos na realização das atividades.
- Promover processos de formação social e humana que favoreçam à transformação social, por meio de ações de inclusão digital.
- Desenvolver processos formativos participativos, cooperativos e solidários, que respeitem e valorizem a diversidade étnico-racial e sexual, o equilíbrio nas relações de gênero e intergeracionais, as diferenças entre as comunidades urbanas e rurais, a sustentabilidade ambiental e favoreçam a acessibilidade.

⁵ Decreto Nº 7.462 de 20 de abril de 2011

- Promover processos de colaboração e ação em rede.

No Programa telecentros.BR um dos primeiros objetivos para construção da rede Nacional, foi a implementação em 2009 na 8ª Oficina de Inclusão digital ⁶em Brasília um debate com várias entidades que já tinham experiências na área juntamente com o governo com objetivo de consolidar os objetivos comuns para a formação e agregar definições para estas ações.

Logo depois deste evento, foi aberto o edital para o chamamento público das entidades que em cada região conduziram esta formação, sendo priorizado as que tivessem vasta experiência nesta área. As entidades que concorreram na seleção e ganharam os editais para trabalhar nesta formação dos monitores, no programa de formação foram:

- Polo Nacional

Universidade de São Paulo – USP

Laboratório Escola do Futuro

- Polo Regional Norte

Universidade Federal do Pará – UFPA

- Polo Regional Nordeste

Universidade Estadual da Bahia – UNEB

- Polo Regional Centro-Oeste

ONG Programando o Futuro

- Polo Regional Sudeste

Universidade Federal de Minas Gerais UFMG e UEMG

- Polo Regional Sul

Rede Marista de Educação e Solidariedade

- Polo Estadual São Paulo

Coletivo Digital.

- Polo Estadual Ceará

⁶ Evento nacional realizado anualmente pelo Comitê Técnico de Inclusão Digital e parceiros. Cada edição ocorre em uma localidade diferente do país. Informações disponíveis no endereço de internet: <http://oficina.inclusaodigital.gov.br/>.

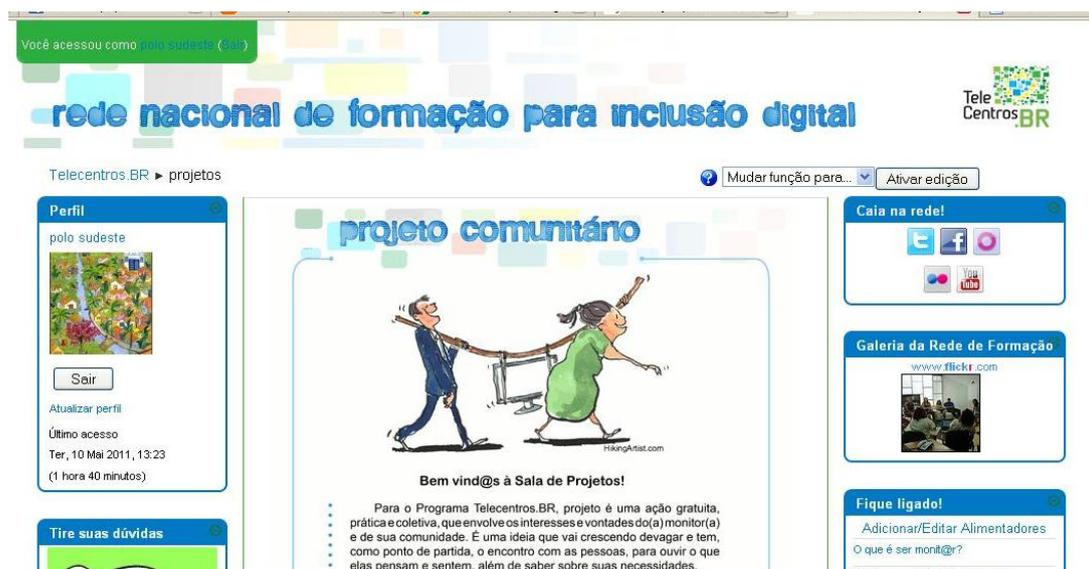
Instituto Idear⁷

Nesta estrutura de formação o polo Nacional tinha a função central de articulação e os outros polos a formação local. Sendo que São Paulo e Ceará pelo número extenso de monitores foram contemplados com polos estaduais de formação.

2. A formação no programa

As políticas públicas brasileira estão cada vez mais pressionadas para implantação de ações que contemplem tanto a informatização do ponto de vista físico, com instalação de computadores e outros materiais multimidiáticos como câmeras, laptops entre outros; quanto na formação para o uso pedagógico das tecnologias no cotidiano do processo de ensino e aprendizagem. Essa pressão está cada vez mais pautada pelo direito ao acesso e ao processo de inclusão defendido e referendado a partir da constituição de 1988⁸.

Neste sentido o programa Telecentros.Br se enquadra no bojo deste contexto. Para a formação foi definido uma estratégia central que potencializasse o contexto local, a aprendizagem através da construção de um projeto comunitário por parte do monitor, que envolvesse telecentros e comunidade. Este projeto de formação tem como eixo central o vínculo do monitor com a realidade local atuando como um transformador da realidade local. Após pesquisa e escolha de plataforma a rede optou por configurar de forma colaborativa o ambiente Moodle e deixá-lo com uma interface, de certa maneira, acessível ao público jovem dos Telecentros. Utilizamos a cor azul para os títulos e bordas e o fundo a tela branco, deixando-o com uma aparência mais leve e dando um sentido de descontração. (FIGURA 1)



⁷ Referencia http://www.inclusaodigital.gov.br/telecentros/materiais-rede/manual_rede.pdf acesso fevereiro 2011

⁸ Constituição Federal 1988 art.205 e 206

Figura 1 . Ambiente no Moodle no Programa <http://ead.telecentros.br.com>

Para que este projeto seja efetivado o monitor dentro do projeto de formação perpassa de forma não linear por oito zonas temáticas sendo elas (FIGURA 2):

1. Inclusão Digital – aborda a história e as diferentes experiências da inclusão digital e questões como lixo eletrônico, metareciclagem e ética hacker.
2. Compartilhamento – apresenta técnicas e a importância de registrar os trabalhos e aprendizados para permitir a troca de experiências com outros telecentros e com outras comunidades.
3. Comunicação Comunitária – estimula a leitura crítica dos meios de comunicação e produção coletiva de comunicação.
4. Telecentros – apresenta e discute as diversas possibilidades de usos de telecentros, os diferentes espaços físicos, acessibilidade e o cotidiano de gestão do telecentro.
5. Comunidade – aborda os conceitos de comunidade, técnicas para conhecimento e envolvimento da comunidade visando a apropriação comunitária no telecentro.
6. Cultura Digital – apresenta técnicas para instalação e manutenção básica da infraestrutura técnica do telecentro; uso e desenvolvimento de softwares livres e de um banco de soluções para situações que fazem parte do cotidiano de um telecentro.
7. Redes – mostra a dimensão do trabalho e as possibilidades de atuação e organização em rede, incluindo o acesso a serviços públicos e interação com o poder público.
8. História – faz um percurso de reavivamento da história do monitor e das histórias de sua comunidade, oferecendo possibilidades de registro, reflexão e divulgação delas.

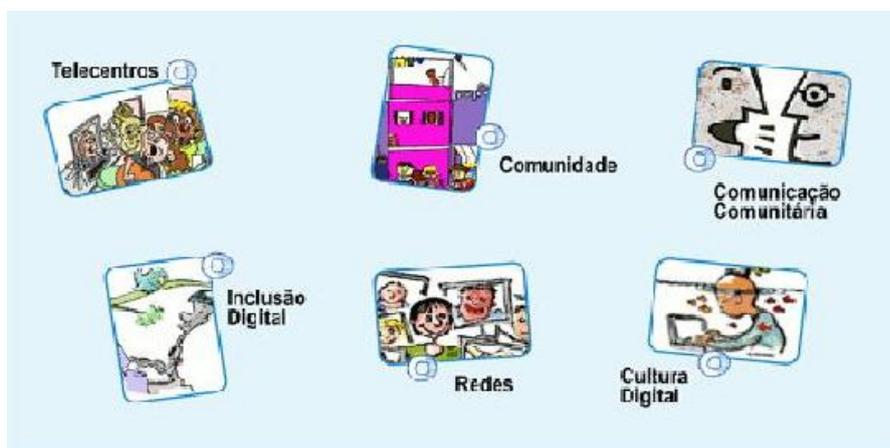


Figura 2. Eixos da Fase II do Programa www.ead.telecentros.br.com

Pensar a formação para jovens monitores do país com dimensões e com diferenças regionais é um desafio colocado dentro do projeto. É importante ressaltar que “a juventude com a qual trabalhamos não se reduz a uma fase da vida preparatória para o mundo adulto. Isso significa que temos que pensá-la no presente e considerar suas vivências e particularidades quando pensamos em uma proposta de trabalho com esses sujeitos (Dayrell,2003). A proposta é a produção coletiva de propósitos gerais mas olhares específicos à comunidade situada a partir do olhar do monitor (aluno do curso de formação para inclusão sociodigital), portanto um trabalho contínuo de repensar os conteúdos e as tarefas ao longo do curso.

Outro desafio colocado é a formação a distância em um ambiente ainda pouco conhecido pelos jovens, sendo este ambiente o Moodle. No ambiente Moodle o desenvolvimento ocorreu por html e uso de softwares livres com conteúdos escritos, hipertextuais e em multimídia com uma produção de vídeos desenvolvida coletivamente pelos polos⁹. As tarefas ocorrem por meio do diário do aluno, blog, perfil, questionários e algumas atividades de postagem de tarefas. O ambiente possibilita a abertura de salas por polo e salas padrões que se organizam por subgrupos de acordo com as regiões e tutorias planejadas.

As pesquisas nos últimos anos revelaram que esta geração esta conectada em várias redes virtuais, mas quais os parâmetros para pensar cursos formais nos ambientes virtuais para os jovens? A interface precisou ser otimizada e vários estudos ocorreram para uma boa adequação ao sistema Moodle, a realidade dos jovens e a proposta do curso, e esta adequação ainda está em desenvolvimento, o monitoramento está em construção gradativa e principalmente as concepções apresentadas em outras interfaces das redes sociais nos apontam para interconexão seja pelo *twitter*, *facebook* ou até mesmo a interface ainda mais utilizada pelos jovens o ORKUT.

Há uma preocupação para o desenvolvimento de textos curtos, com uma linguagem acessível e que seja principalmente contextualizada. O uso de vídeos e o caminho para produção autoral de material videográfico de acordo com o contexto e tendo como protagonista o monitor do telecentro esta apontando para uma integração realista e potencializando a autonomia, o protagonismo e a realidade dos jovens.

Outra característica do ambiente é a necessidade de apresentar oportunidades para que o monitor desenvolva o seu projeto de acordo com a leitura que faz de sua realidade. Desde o inicio, o curso apresenta a proposta de um projeto comunitário que identifique o jovem a sua comunidade e a realidade local no qual o telecentro está inserido. A proposta no ambiente é que ele percorra os conteúdos e descubra, na interlocução com os pares e a tutoria, o seu caminho. Desta maneira o ambiente é desenvolvido por eixos, fases e objetos se apresentam de forma não linear, quem escolhe o percurso é o aluno monitor.

Aproximar das realidades dos jovens utilizando outros recursos e potenciais materiais das tecnologias da informação e comunicação e as mídias são um dos caminhos encontrados neste percurso.

⁹ Durante o ano de 2010 e 2011 foram realizados, em média, 8 encontros em várias partes do país com a presença de todos os polos. Desenvolvimento coletivo dos conteúdos apresentados.

2.1. A formação na cibercultura

As questões impostas e incorporadas nos últimos anos pela informatização nos campos sociais, políticos, industriais, econômicos e educacionais propiciam avanços e benefícios em vários campos, no entanto várias são as incertezas.

Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. Para GIDDENS (2002, p.17) O mundo moderno é um mundo em disparada [...], neste contexto a sociedade está cada vez mais imersa em relações pautadas pela cultura digital, pelos meios de comunicação de massa de forma intensa e pelas Novas tecnologias da Informação e Comunicação.

Na educação essas transformações estão cada vez mais presentes em todos os níveis, classes sociais e impactam escolas, educadores e educandos jovens adultos, ONGs, empresas e todo processo político pedagógico organizacional. A formação dentro do contexto da cibercultura levanta outros pressupostos de acordo com os contextos educativos, sejam eles em cursos formais nas escolas básica ou de ensino superior ou em outros contextos como no programa telecentros.BR. Para Silva(2000) e Lemos (2002) o contexto atual o ciberespaço pode ser definido como mais que objetos valores entre outras atitudes. Para os autores uma nova realidade social histórica é um novo posicionamento antropológico político.

Uma das características mais marcantes de nossa sociedade, neste início de século, é a intensificação da circulação de informações, principalmente pelo desenvolvimento de tecnologias. TV a cabo, vídeo, Internet, DVD e CDRoms, pen drives, conexões sem fio, softwares diversificados, liberdade¹⁰ no uso de softwares livres, robótica dentre outras tecnologias que, após o rádio e a televisão, vieram ampliar as possibilidades de acesso à informação, integrando-se aos suportes tradicionais do acesso à informação e, muitas vezes, incorporando-os e transformando-os e conseqüentemente vindo a desenvolver e criar possibilidades de construção de conhecimento.

Assume-se, em geral, que essas tecnologias contribuíram para uma melhoria da qualidade de vida; isto parece que realmente aconteceu: pouco mais de 63%¹¹ da população mundial tem acesso às tecnologias digitais e às descobertas científicas veiculadas pela Internet. Indivíduos e grupos tendem a ter acesso diferenciado ao desenvolvimento das habilidades envolvidas no uso das tecnologias, num mundo, em que cada vez mais:

os indivíduos e os grupos, mais do que desenvolver e utilizar as tecnologias para adaptar o meio às suas necessidades, têm que desenvolver ou adquirir capacidades e habilidades cada vez mais

¹⁰ Esta liberdade é vigiada pelos post, url, logins, senhas, IP e tantas outras conexões estabelecidas nos bastidores dos mecanismos informacionais. Deve-se lembrar a história da criação da Internet pela ARPANET e perceber que não temos o controle mas somos controlados e monitorados na participação, posição, consumo e postagem web, compras online e cartões de crédito.

¹¹ Dado publicado no Observatório da Imprensa Publicado em 19/11/2009
<http://www.contee.org.br/noticias/msoc/nmsoc459.asp.aceso12/04/2010>
<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001585/158502por.pdf>

complexas para entender minimamente seu próprio ambiente. Na atualidade, em um mundo em que ainda existe uma alta porcentagem de analfabetismo, já não só é preciso dominar a língua oral e escrita. Para poder tomar uma posição crítica e de valor e não só de consumo indiscriminado, precisa-se entender as chaves das linguagens audiovisuais e informáticas, ter capacidade para saber aprender, critério para selecionar e situar a informação e um mínimo de conhecimento básico para dar-lhe sentido e convertê-la em conhecimento pessoal, social e profissional. (SANCHO, 1998: 11)

Esses usos dos novos recursos tecnológicos são ao mesmo tempo consumo, mas novas formas de apropriação de linguagens, meios e atitudes por parte de todos. No caso específico dos telecentros e dos jovens monitores¹² está pautada apropriações/e ressignificações característicos das novas gerações¹³.

Podemos tomar como referências vários exemplos dessas atitudes utilizando várias tecnologias integradas, on-line e livres, remixadores de músicas, softwares de compartilhamento de mp3 e diversos programas ou comunidades via web para movimentos sociais e culturais. Quais as ressignificações que os jovens podem fazer com uma formação em rede que todos estão no mesmo ambiente? Quais são os caminhos das formações na área? Como os jovens estão se apropriando e reapropriando destes processos? Alguns dados estão sendo levantados dentro do curso e podemos perceber que o número de monitores envolvidos (quadro 2) está em constante evolução.

Quadro 2. Dados preliminares referente ao acompanhamento do curso 03/2011.

Polos	Monitores Ativos Março	Monitores Convocados Março	Total de Monitores	Taxa de participação Março
Ceará	86	20	91	95%
Centro Oeste	16	9	21	76%
Nordeste	347	176	384	90%
Norte	74	47	83	89%

¹² É importante ressaltar que no programa telcentros.BR os jovens tem que ter entre 18 e 24 anos para trabalhar como monitor

¹³ Como explicitado no texto um dos eixos na produção de conteúdos no curso tendo o jovem como protagonistas autores já esta sendo realizado vários vídeos sobre o contexto deste jovens sendo percebido que vários deles já estão inseridos em uma realidade de usos e ressignificações dos usos das tecnologias http://www.youtube.com/watch?v=q5cWa83lRXA&feature=channel_video_title.

São Paulo	150	16	166	83%
Sudeste	91	87	195	47%
Sul	45	19	55	82%
Total	674	374	847	

Os processos para que esta formação seja efetivamente num espaço em rede¹⁴ apoia-se em alguns caminhos a serem seguidos nas formações, como nos diz ARROYO

Às velhas instituições educativas cabe aceitar que vem sendo produzida na sociedade industrial uma nova cultura(...)que a escola e as velhas instituições domesticas cabe repensar sua velha função e se amarrar aos novos processos educativos presentes nas novas formas de produzir a existência.(ARROYO,1991,pg 171)

Para o autor outras possibilidades se abrem para o novo, para novas posturas frente a sociedade ao contexto que se vive e a sua própria maneira de viver. Mas existem entraves? Todos estão integrados na cibercultura? Quais as formas de exclusão social/digital?

No Brasil (54,4%) de jovens nunca teve um computador. Menos de 20% têm o equipamento em casa, e apenas 14,5% dos domicílios com computador estão ligados à rede mundial. Entretanto, 45,6% dos entrevistados afirmaram já ter usado um computador, e 33% acessaram a internet pelo menos uma vez na vida – ou seja: 67% nunca navegaram na internet. Os resultados são da Pesquisa sobre o Uso Domiciliar das Tecnologias de Informação e Comunicação – a chamada TIC Domicílios – realizada pelo Instituto Ipsos Opinion, a pedido do Comitê Gestor da Internet (CGI) em 2005 e 2006. Na consulta a 10,5 milhões de domicílios brasileiros, algumas tendências se confirmaram, outras apresentaram novidades.

A mesma pesquisa apresenta que no Brasil 97% das casas possuem aparelho de televisão, mais de 90% têm rádio, enquanto 49,7% contam com telefone fixo, e 68%, com telefone celular. Houve aumento na presença de computadores nos domicílios, passando de 16,6% em 2005 para 19,6% em 2006. O quesito computador e internet ainda não apresentam uma fonte confiável em números, mas deve-se igualar ao número de computadores e até mesmo ao acesso à internet pelos celulares. As regiões Sul e Sudeste ficam acima da média nacional, com 25% dos domicílios tendo acesso ao equipamento. Já as regiões Norte e Nordeste se encontram bem abaixo, com 10% e 8,5%, respectivamente. No contexto atual :

Informação e cidadania são termos que se completam e ambos dizem respeito a possibilidade de exercer sua função, a medida

¹⁴ Rede também é social e política, pelas pessoas, mensagens e valores pelas quais frequentam e atuam.(Santos,1996)

que o sujeito esta no gozo de seus direitos civis, políticos e sociais. Para tanto, o sujeito na qualidade de cidadão precisa ter acesso a educação, a saúde, a moradia, a alimentação, ao emprego ao transporte, entre outros serviços básicos necessários a uma vida digna, como também possuir acesso a informação e novas tecnologias que é enxergada na atual sociedade como pré-requisito para o estado de cidadão pleno. (REIS, SILVA, MANSSINI, 2011)

Para Brasileiro

Enquanto um jovem das camadas abastadas da sociedade tem acesso ao ciberespaço e todas as fontes de informação disponíveis, o jovem da camada pauperizada fica privado de interagir com os produtores de conteúdo, de observá-los, questioná-los e até mesmo de copiar seus arquivos. Para a pessoa incluída na rede, a navegação estimula a criatividade, permite realizar pesquisas sobre inúmeros temas e encontrar com maior velocidade o resultado de sua busca. Quem está desconectado desconhece o oceano informacional e não consegue comunicar-se com a velocidade dos incluídos. (BRASILEIRO, 2002).

O mapeamento da realidade deste jovem no contexto da cibercultura remete a ter uma postura crítica apresentando pistas para o desenvolvimento do material didático dentro do curso que extrapolam o próprio ambiente de formação criando novos espaços de interação. A seguir vamos descrever algumas destas estratégias, com foco nas redes digitais e as estratégias de formação.

3. As redes sociais virtuais como estratégia de formação

Estamos entrelaçados na dinâmica social entre variadas informações, enredados pelo contato com o outro, pela comunidade em que vivemos, com os nossos pares, com a cidade, com o grupo que pertencemos e trocamos diariamente sentidos e significados, e agora de forma planetária (LEVY, 1998). Nesta grande rede existe uma metáfora que sintetiza esses cruzamentos.

“em esmeraldina, cidade aquática, uma rede de canais e uma rede de ruas sobrepõem-se e entrecruza-se. para ir de um lugar a outro pode sempre escolher entre o percurso terrestre e o de barco: e, como em esmeraldina a linha mais curta entre dois pontos não é uma reta, mas um zigzag que se ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se abrem para o transeunte não são dois, mas são muitos, e aumentam ainda mais para quem alterna

trajetos de barco e transbordos em terra firme” (CALVINO, 1991; 83)

Para Santos (2009) as definições de redes são múltiplas, mas podem se enquadrar em duas matizes, uma mais material e outra em um dado social.

A rede é também é social, política, pelas pessoas, mensagens valores que a freqüentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõem aos nossos sentidos, a rede é na verdade uma mera abstração. (SANTOS, 2009, pg262)

Uma das estratégias utilizadas dentro da formação do programa Telecentros.BR foi mapear onde os jovens estavam localizados nas redes sociais virtuais, potencializando a troca e extrapolando os espaços formais da formação. Muitos dos jovens inseridos no Moodle estão criando comunidades nas redes sociais, apoiados por tutores e pares, ampliando os espaços de troca e de interatividade. De acordo com algumas pesquisas, oito em cada dez jovens, entre 13 e 17 anos, utilizam as redes sociais online. 63% dos entrevistados compartilham suas fotos na web; 57% compartilham vídeos; 37% postam em blogs e fóruns de discussão; 31% mantêm conversas com desconhecidos por meio de chat; e 5% transmitem informações sobre onde vivem e dos locais que costumam frequentar por meio de redes online. A enquete revelou ainda que 71% destes jovens atualizam seus perfis com frequência.

Os jovens consideram a rede uma ferramenta diária essencial, que dá a liberdade de entrar em contato com seus colegas, bem como “um lugar onde podem buscar diversão e mais informação”, afirma um monitor de Telecentro da região sudeste.

A participação ativa das pessoas em rede, a troca generosa de links, a catalisação de conversas apresentam um comportamento indicativo para a “linkagem” entre assuntos e pessoas. Pelos *links* estabelecidos é possível uma conexão e troca de ideias, assuntos e percepções próprias da coletividade. As redes sociais podem ser utilizadas como plataformas que promovem um determinado *site*, *blog*, fórum, entre outros, principalmente com foco na divulgação de conteúdo e em relação ao índice de acesso ao tema escolhido das comunidades colaborativas. Os subgrupos de trabalho na formação em rede foram desenhados de acordo com temas pertinentes à discussão e também em relação à divisão dos pólos de atuação. Os tipos de trocas ocorriam por meio de vídeos e fotos realizados durante os processos de formação. Os objetos trocados foram, em sua maioria, uma troca contextualizada da realidade vivida em cada um dos telecentros ligados à rede.

Segundo Recuero (2009) as redes sociais online ganharam seu lugar de uma maneira vertiginosa, além de proporcionar um aumento significativo nas interações e conectividade de grupos sociais; tornaram-se um meio promissor de divulgação de conteúdo e propagação de ideias. Seu diferencial em potencial está em sua capacidade de construir e facilitar o acesso rápido à informação e compreender os laços das redes analisadas.

4. Considerações provisórias

No processo de elaboração do curso e durante a formação, conforme já foi exposto, foi construída uma proposta que tem como objetivo a construção coletiva e colaborativa. Uma tentativa de trocas, compartilhamento, monitoramento e atuação nas redes virtuais e redes locais para um objetivo comum – o curso de formação dos monitores do Telecentros.br.

Agora é pensar como as estratégias podem potencializar a atuação social e formação de todos os monitores nos telecentros que estão espalhados pelo país, como aprendem em ambientes diversos, seja pelas redes sociais, listas, encontros presenciais e a distância em ambiente moodle e outros ambientes em processo de elaboração (jogos e *pen drive*). Três pontos podem ser colocados como desafios nesse processo: (1) a formação virtual e em rede (2) as redes sociais online como movimento social para inclusão digital e sociocognitiva (3) incluir as comunidades com os seus problemas locais e localizar ou tentar uma solução em rede e por meio dos projetos coletivos desenvolvidos durante a formação.

Os materiais e a formação se organizam num propósito de pensar uma formação virtual para jovens entendendo sua realidade, seus contextos de vida e suas múltiplas características geracionais. Todos os requisitos são pressupostos para pensar em que rede e sentidos estes sujeitos reais, estão situados em seus contextos de vida. Sem perder de vista a possibilidade deste material distribuído e construído coletivamente ser um elemento de ação para a inclusão social dos monitores espalhados nos rincões do Brasil.

5. Referências

ARROYO, Miguel G. Revendo Vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. In: Trabalho, Educação e Prática Social: Por uma teoria da Formação Humana. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Documento de Orientações da Formação da Rede Nacional de Inclusão Digital. Telecentros.BR.2011. <http://www.ead.telecentros.br> acesso junho de 2011.

BRASILEIRO, Sheila. Juventude e Novas Tecnologias: Implicações para educação de jovens e adultos. Anais da ANPED GT 18: Educação de Pessoas Jovens e Adultos. 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

DAYRELL, Juez. O Jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez.2003, Nº24.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LEMOS, Andre. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço. SP: Loyola, 1998

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Alcenir S. e SILVA, Alberth S. e MASSENSINI, Rogerio L. Informação e Cidadania: Conceitos e saberes necessários à ação. In: Cultura informacional e liderança comunitária. Org: Maria Aparecida Moura. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2011.

SANCHO, Juana M. (org.). Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 327p.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

SILVEIRA, Sergio A. e CASSINO, João. Software Livre e Inclusão Digital. (Org). São Paulo: Conrad, Editora do Brasil, 2003.